

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

**A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA: A influência da família no desempenho
escolar do aluno**

JOSELIA COSTA LIMA PAULINO

**TAPEROÁ - PB
2020**

JOSELIA COSTA LIMA PAULINO

**A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA: A influência da família no desempenho
escolar do aluno**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia, Modalidade à Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Itacyara Viana Miranda

**TAPEROÁ - PB
2020**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P328r Paulino, Joselia Costa Lima.

A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA: A influência da família
no desempenho escolar do aluno / Joselia Costa Lima
Paulino. - João Pessoa, 2020.
38 f.: il.

Orientação: Itacyara Viana Miranda.
Monografia (Graduação) - UFPB/C E.

1. Educação Infantil Escola Família. I. Miranda,
Itacyara Viana. II. Título.

UFPB/BC

A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA: A influência da família no desempenho escolar do aluno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia, Modalidade à Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 13/07/2020

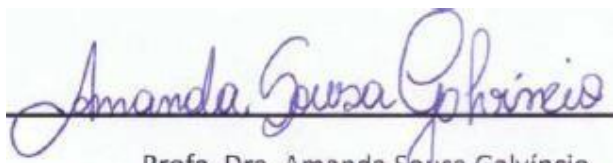
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Itacyara Viana Miranda
Universidade Federal da Paraíba – UFPB/DFE



Prof. Dra. Nayana Rodrigues C. Mariano
Universidade Federal da Paraíba – UFPB/DFE



Prof. Dra. Amanda Souza Galvão
Prof. Dra. Amanda Souza Galvão
Universidade Federal da Paraíba – UFPB/DEBAS

Dedico esse TCC ao meu esposo Josenildo Paulino Araújo, pela parceria e incentivo, por destinar parte do seu tempo para me levar ao polo todas as vezes que precisei, a você minha gratidão.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiro a Deus, criador do nosso Universo, pois sem ele nada seria possível.

Ao meu esposo Josenildo, por estar ao meu lado sempre que precisava, ajudando a me deslocar para o Polo, para que eu pudesse concluir o meu curso e realizar o meu sonho.

As minhas filhas Anna Karolinne e Anna Flavia, por serem grandes incentivadoras dos meus estudos, saibam que vocês são a luz da minha vida.

E aos meus pais, que apesar de não terem tido oportunidade de estudar, sempre me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos. Todos vocês muito obrigada!

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o a sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém.
(Paulo Freire)

RESUMO

A relação família/escola é, pois, elemento importante para o processo de formação das crianças, em especial quando tratamos do estágio de desenvolvimento na educação da infância. A temática em questão tem impulsionado a produção de estudos que se debruçam, cada vez mais, na tentativa de compreender o papel e importância do acompanhamento e aproximação dos pais/responsáveis, quando da interação destes com o processo de ensino aprendizagem desempenhado na e pela escola. Dito isto, objetivamos com esse trabalho levantar alguns aspectos positivos e negativos dessa relação família/escola, como forma de elucidar o quão relevante é esse diálogo para o desenvolvimento das crianças. O trabalho segue amparado metodologicamente em uma estratégia de pesquisa bibliográfica, tendo em vista as problemáticas a que estamos tendo que enfrentar com a pandemia da COVID-19, nos obrigando a traçar novos caminhos e formas de adaptação. Para além do suporte bibliográfico, formulamos um questionário acerca do papel da família em aproximação com a escola, de modo a tentar elucidar, ainda que parcialmente, aquilo que estamos chamando de positivo/negativo nessa relação. O nosso objeto de pesquisa é a escola de ensino fundamental I, Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, localizada no Município de Juazeirinho-PB. O estudo segue amparado por alguns referenciais teóricos que nos auxiliam a pensar a família/escola: ARIÈS (1981), CHINOY (2008), LIBÂNEO (2000), PRADO (1981), TIBA (1996), entre outros que discutem essa temática. Pretendemos ao final desse Trabalho de Conclusão de Curso poder contribuir com o debate em torno dessa temática tão recorrente na contemporaneidade.

Palavras chave: Educação da Infância. Escola. Família.

ABSTRACT

The family / school relationship is therefore an important element in the children's education process, especially when it comes to the stage of development in early childhood education. The theme in question has driven the production of studies that increasingly focus on understanding the role and importance of monitoring and approaching parents / guardians, when their interaction with the teaching-learning process performed at and by the school. Having said that, we aim with this work to raise some positive and negative aspects of this family / school relationship, as a way of elucidating how relevant this dialogue is for the development of children. The work continues supported methodologically in a bibliographic research strategy, in view of the problems that we are having to face with the pandemic of COVID-19, forcing us to trace new ways and ways of adaptation. In addition to the bibliographic support, we formulated a questionnaire about the role of the family in approaching the school, in order to try to elucidate, even partially, what we are calling positive / negative in this relationship. Our research object is the elementary school I, Municipal Elementary School Severino Marinheiro, located in the Municipality of JuazeirinhoPB. The study continues supported by some theoretical references that help us to think about the family / school: ARIES (1981), CHINOY (2008), LIBÂNEO (2000), PRADO (1981), TIBA (1996), among others that discuss this theme. At the end of this Course Conclusion Work, we intend to contribute to the debate around this theme that is so recurrent in contemporary times.

Keywords: Early Childhood Education. School. Family.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Função na escola.....	26
Gráfico 2 – Ações da escola para aproximar a família.....	27
Gráfico 3 – Trabalho conjunto família/escola.....	28
Gráfico 4 - Ações que a unidade de ensino promove em relação a presença da família na escola.....	29
Gráfico 5 - Benefícios decorrentes da relação família/escola para o aluno.....	30
Gráfico 6 – Acompanhamento da família no processo escolar.....	31
Gráfico 7 – Motivos da não participação dos pais na vida escolar da criança..	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
2 UM PANORAMA HISTÓRICO SOCIAL DA FAMÍLIA E A ESCOLA.....	15
2.1 A ideia de família em espaços e tempos diversificados.....	15
2.2 A família e o bom desenvolvimento na aprendizagem das crianças.....	18
3 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SEVERINO MARINHEIRO: UMA	20
PERSPECTIVA DE ANÁLISE ENTRE A FAMÍLIA/ESCOLA.....	20
3.1 Caracterização da unidade de ensino.....	22
3.2 Aproximações com a escola: reflexões acerca do grupo pedagógico e a sua ideia de família/escola.....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5 REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Iniciamos nosso diálogo apresentando o objeto de estudos aqui empregado, a saber: a relação escola/família. Para melhor compreendermos esse universo, acreditamos ser necessário o estabelecimento de uma análise desnaturalizada dessa relação, levando em consideração para isso a sua constituição em espaços e tempos diversificados ao longo da história da humanidade.

Nesse sentido, e como forma de apreender elementos que possam servir de subsídio para o debate da escola/família, faremos uma exposição, ainda que mínima, de alguns aspectos históricos que permeiam essa relação. Deixamos evidente a defesa de que a criança já no seu nascimento é integrada a um grupo social, família, consequentemente vai ser nesse meio que elas realizam as suas primeiras socializações e aprendizagens.

Dito isto, anunciamos ser importante compreender a instituição familiar, bem como os seus diálogos com a educação. Entender o processo histórico existente nessa relação é imprescindível para apreender, de qual modelo de família estamos tratando na contemporânea, posto ser essa, a família, um produto de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais das sociedades.

Alguns autores contribuem para pensar historicamente o cenário da instituição educativa formal (escola) e a família, sendo eles anunciados como referencial teórico dessa pesquisa, quais sejam: Prado (1981) e suas reflexões acerca do conceito de família; Singly (2007) quando do debate daquilo que tratamos como sendo família moderna; Saviani (2005) e o entendimento da escola enquanto espaços de saberes sistematizados; Varani & Silva (2009) e Áries (1978) ao tratar da infância e suas transformações, dentre outros.

Quanto a este último, Áries (1978) se apresenta como forma de compreendermos a infância/criança por meio de uma visão historicamente construída e mais, de modo a nos possibilitar travar (in)direta uma reflexão acerca do que tomamos aqui como objeto, a relação escola/família. Áries (1978) apresenta a criança durante o período da Idade Média como adultos em miniatura, com o passar do tempo à infância sofre transformações e toma novas formas, dando início a uma demarcação de espaços, simbólicos e materiais, acerca da criança no cotidiano dos grupos familiares, sendo a educação/escola um desses espaços.

A educação vai se tornando objetivo da instituição, família, ao passo que se apresenta como um dever para com a infância/criança. Atualmente a forma de família nuclear já não se mostra de maneira homogênea, a mesma sofreu transformações. Quanto a isso lemos:

A família moderna é uma instituição na qual os membros têm uma individualidade maior do que nas famílias existentes anteriormente. Essas divergências individuais se acentuam, se consolidam, e como elas são o cerne da personalidade individual, esta vai necessariamente se desenvolvendo. Cada um constrói uma fisionomia própria, sua maneira pessoal de sentir e pensar. (SINGLY, 2007, p. 35)

O conceito de família se amplia e com ele as problemáticas em torno dos processos empreendidos no âmbito educacional. Hoje, mais do que nunca vem sendo apontada a necessidade de mudança das metodologias, práticas e modelos de ensino, de modo a almejar a constituição de alunos ativos socialmente, tendo na relação escola/família a projeção de um diálogo contínuo e mútuo.

A metodologia empregada para esse trabalho segue amparada na pesquisa bibliográfica, levando especialmente em conta, o momento da pandemia e da necessidade do isolamento social. Contudo, também são utilizados os recursos dos questionários virtuais (e-mail), no qual nos possibilita debater e compreender características da relação existente entre alguns dos grupos familiares e a escola. Para esse estudo, selecionamos a Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, localizado na Rua Antenor Navarro, Nº 203, Centro, Juazeirinho – Paraíba, por se tratar de um espaço de ensino no qual temos uma maior afinidade, tendo em vista ser esse um espaço onde estudam alguns dos meus sobrinhos, meu cunhado leciona nesta unidade e eu trabalhei por longos anos como secretária.

Diversas pesquisas relacionadas à importância da participação da família junto à escola têm sido empreendidas para melhor compreender essa relação tênue existente entre as duas instituições. Nessa direção, e como forma de colaborar com esses esforços, elencamos alguns aspectos concernentes à realidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, onde ocupamos, por mais de 10 anos, o cargo de secretária escolar. Na ocasião pudemos identificar problemáticas do tipo: crianças sendo reprovadas ou mesmo desistindo, por falta de incentivo e acompanhamento da família junto à escola.

Tal problemática acima anunciada foi que nos instigou compreender o que realmente acontece quando pais/responsáveis participam de forma efetiva da vida escolar dos seus filhos. Sendo assim, procuramos apontar possíveis ações por parte da escola, de modo a fortalecer esse diálogo com a instituição familiar, a saber: palestras, encontros, reuniões, atividades esportivas e recreativas. Tudo isso, tomando como ponto de debate a tríade – escola-família- desenvolvimento infantil. Ao nos depararmos com problemáticas como esta, da não participação da família no ambiente de aprendizagem escolar, se faz necessário que a equipe educacional (professor e gestor) haja, no sentido de demonstrar o quão necessário é a presença dos responsáveis (pais) para o bom desenvolvimento da criança, no que pese, especialmente, a possíveis melhoras no seu rendimento escolar. Quanto a isso lemos:

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam. (TIBA, 1996, p. 111)

Mediante tal assertiva, defendemos o fato da necessidade de a escola definir de modo claro qual seu papel na educação das crianças, bem como evidenciar que essa função a ela apregoada não exime pais e responsáveis das suas obrigações.

A família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se vêm estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. (KALOUSTIAN, 1998, P.11-12)

Por tudo isso, destacamos que um bom trabalho com a educação das crianças passa, sem sombra de dúvidas pelo desenrolar dos entraves existentes no diálogo e participação da família na escola. Por fim, argumentamos que o diálogo da escola com a família, é, pois, necessidade corrente para o provável, bom desempenho das crianças, não podendo elas contar apenas com um ou com outro, a participação ativa dos pais em uma rotina de estudos, em reuniões escolares, atividades culturais:

palestras, mutirões, oficinas é um caminho indicado aqui, para o desenvolvimento da relação escola/família que almejamos, sobretudo na fase da educação da infância.

Como dito anteriormente, a família alterou o seu perfil ao longo dos anos, contudo, está ainda é (co)responsável pela educação das crianças, juntamente com a instituição escolar. Dito isto, iremos de agora em diante dar continuidade ao debate histórico que envolve escola/família, bem como apresentar a conjuntura dessa relação na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro.

2 UM PANORAMA HISTÓRICO SOCIAL DA FAMÍLIA E A ESCOLA

Diante do cenário de caos que estamos vivendo em decorrência da pandemia da COVID-19, a relação da família/escola sofre mudanças significativas, uma vez que o isolamento social e a indicação de trabalho remoto na área da educação têm feito dos ambientes domiciliares e dos responsáveis pelos estudantes, partes integrantes do planejamento da escola para atividades à distância. Nesse sentido, de haver a necessidade de participação dos pais no processo de ensino aprendizagem empreendido formalmente pela escola é que procuraremos chamar a atenção para aquilo que temos aqui denominando de família e posteriormente, buscaremos refletir como esse grupo social pode afetar o desenvolvimento das crianças no seu processo de formação.

2.1 A ideia de família em espaços e tempos diversificados

O conceito de família se origina do latim *Famulus*, que significa conjunto de dependentes de um chefe ou senhor. No sentido popular e nos dicionários, família significa: pessoas aparentadas que convivem na mesma casa; indivíduos do mesmo sangue, ascendência, linhagem ou mesmo que foram adotadas. Segundo Prado (1981) a família vem se alterando com o passar do tempo, pois são diversos os fatores que interferem nesse conceito e diversas são as configurações existentes ao longo dos anos.

Por muito tempo a configuração mais comum era a de família nuclear – pai, mãe, filho -, hoje já temos outras conotações em curso, no qual são diversas as

composições a saber: desde mães solos, pais solos, avós como sujeitos mantenedores de renda e criação de seus netos, famílias homoafetivas. Contudo, e ainda de acordo com Prado (1981, p.13), a família é “única em seu papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência.”

Nessa direção, acreditamos que ademais da composição que a família se apresenta na sociedade (forma), o que nos interessa é a compreensão do seu papel junto ao desenvolvimento intelectual daquilo que chamamos aqui de sujeitos aprendentes, crianças.

Essas mudanças sócio-políticas-econômicas das últimas décadas vem influenciando na dinâmica e na estrutura familiar, provocando mudanças em seu padrão tradicional de organização. Assim, não se pode mais falar em família, mas sim de famílias, devido à diversidade de relações existentes em nossa sociedade.

A família se modifica através da história, mas continua sendo um sistema de vínculos afetivos onde se dá todo o processo de humanização do indivíduo. Esse vínculo afetivo parece contribuir de forma positiva para o bom desempenho escolar da criança.

Dito isto, buscaremos realizar, brevemente, um panorama histórico da família e da sua relação com a infância em tempos e espaços diversificados, a começar pelo século XVII, no qual Varani & Silva (2009, p.514) identificam que durante esse período não havia uma distinção muito clara, tal qual temos hoje, acerca das fases - adulta e criança -, nesse momento a criança era entendida como um homem pequeno.

Philippe Ariès (1981), na sua obra *História Social da Criança e da Família*, vai trazer o debate de que a infância se reduzia ao seu período mais frágil e tão logo a criança ganhava desembaraço físico, ela se misturava aos adultos. As crianças na Idade Média, chegando aos seus sete anos de idade eram encaminhadas para aprender um ofício, retiradas do seio familiar elas passavam a morar na casa do mestre de ofício, que era a figura mais próxima do professor que podemos indicar.

O segundo debate apresentado na obra de Philippe Áries (1981), se dá no sentido do papel da criança nas sociedades modernas. Tal mudança é acompanhada através de duas instituições: a escola e a família, base da nossa discussão nesse trabalho. Dito isto, seguimos apontando a transformação da família no decorrer dos séculos, levando em conta essa nova perspectiva.

Partindo para os séculos XVIII e XIX, temos uma hierarquia familiar rígida e baseada em princípios: biológicos, de sexos, idade e geração. No qual, as mulheres obedeciam fielmente aos seus maridos, as crianças e jovens obedeciam aos mais velhos seguindo regras de uma autoridade familiar.

O patriarcado era o comum, tendo o chefe da família poder sobre seus membros. Esse tipo de agrupamento familiar era considerado o modelo a seguir pela sociedade da época, que segundo Prado (1981, p.74) tinha diversas funções: “fonte de estabilidade econômica, base religiosa, moral, educacional e profissional”.

Com a Idade Contemporânea, Varani & Silva (2009) argumentam que a separação de papéis – homem/mulher; pai/mãe - vem sendo modificada. A inserção das mulheres no mercado de trabalho, pode e deve ser acionada para pensar o papel desempenhado pela escola nesse momento, pois, a ocupação dessas mães no universo de uma profissão, que não dona do lar, acabam incidindo na composição de instituições de educação infantil, que passam a compartilhar com as famílias a ação de proteção das crianças.

Ainda segundo Varani & Silva (2009), a partir do século XX o papel social da mulher perpassa pela ideia de luta por direitos constitucionais, o processo de feminilização do mercado de trabalho, embora lento e gradual, acabou fazendo com que as crianças passassem mais tempo na escola.

Essas transformações ocorridas na sociedade levaram a divisões de responsabilidade e de acordo com o art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária.

A relação família, criança e escola se modifica e embora como defende Saviani (2005, p.14), de que a escola “[...] é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado”, a ela tem sido imputado o dever de cuidar e educar. Nesse sentido, se anuncia a problemática da transposição de papeis, se não total pelo menos parcial, da família para a escola.

Essa transposição a que tratamos acima, diz muito da escolha do nosso objeto de estudo, no qual na qualidade de profissional da educação há mais de 20 anos, atentamos para a problemática concernente a falta ou a pouco expressividade da participação de pais e responsáveis, junto ao processo de escolarização das crianças, de modo que não existe ou é mínimo o diálogo estabelecido entre essa instituição (família), com aquilo que vem sendo desenvolvido em partes pela escola durante o processo de ensino aprendizagem, em especial, na educação da infância. Dito isto, passemos ao debate em torno da presença positiva da família durante a fase de desenvolvimento da criança no ambiente escolar.

2.2 A família e o bom desenvolvimento na aprendizagem das crianças

Iniciamos esse ponto chamando a atenção para o fato do bom desenvolvimento da criança, que defendemos seja ainda mais representativo quando há uma interação da família com a escola, a participação assídua no processo evolutivo da aprendizagem dos filhos é fundamental, não cabe tão somente à escola a atribuição dessa tarefa, educar, é algo que deve ser partilhado com o grupo familiar, em prol de melhores resultados formativos da criança.

Lembramos que é no meio familiar que a criança inicia o seu processo educativo, por meio das relações de sociabilidades, das trocas de conhecimento e cultura, das regras próprias do pacto social, ou seja, das normas de convivência e respeito mútuo. A escola procura colaborar juntamente com a família. Todo esse trabalho outrora iniciado junto ao grupo parental é, pois, com o passar dos anos, ampliado e compartilhado com a escola, que tem como principal objetivo dar continuidade, agora a partir de uma base científica, ao processo de desenvolvimento educacional da criança, mas também de modo a prepará-las para inserção na sociedade.

De acordo com Aoyama & Machado (2008), é preciso que a família faça uma auto avaliação para entender se realmente está conseguindo desempenhar o seu papel em relação à vida escolar dos seus filhos. Isso por que escola e família, instituições embora distintas, desempenham papéis relevantes na vida da criança, se uma ou outra deixar de desempenhar a sua função, certamente haverá um comprometimento do desenvolvimento do sujeito nessa fase da infância.

Mais uma vez reforçamos o fato de que é na e pela família, que as crianças recebem as suas primeiras aprendizagens, portanto, é indispensável que a escola não veja a criança como uma tela em branco, muito pelo contrário, ainda que pequenos estes carregam consigo uma bagagem sócio cultural que deve ser elemento de interesse por parte da escola, em especial quando do planejamento dos aspectos de ensino aprendizagem. O profissional da educação deve ser capaz de entender e respeitar as diversidades existentes em sua sala de aula e na comunidade educacional de modo geral.

Alguns questionamentos podem e devem ser anunciados nesse momento, a saber: quais as estratégias que devem ser desenvolvidas pela unidade escolar para lidar com as adversidades e despertar em todos os educandos o interesse e a motivação, respeitando os diferentes ritmos e capacidades de aprendizagem das crianças? De que maneira o professor, juntamente com o diretor e toda equipe de apoio existente na instituição, pode ajudar na construção de uma maior proximidade escola/família?

Tais questionamentos acima anunciados, quando tomados como ponto de partida para um processo analítico se fazem fundamentais para compreender família e escola como instituições que devem se aproximar e contribuir para o bem estar e bom desenvolvimento humano e cognitivo da criança. Autores como Rosseau (1999) contribuem para a discussão daquilo que vemos tratando ao longo desse texto, ao expor que a educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui, Rousseau (1999) aponta o processo de aprendizagem como natural. Tal pensamento nos põe a frente de um debate e uma crítica que apreende o desenvolvimento da criança, não mais como algo automática, estático e mecânico, mas sim enquanto um processo ativo.

Refletir sobre desenvolvimento e aprendizagem da criança é, pois, ação necessária. Ao tentar definir aprendizagem, assim o fazemos em acordo com Gagné (1974), que compreende ser esse um estágio de modificação na disposição ou na capacidade do homem, modificação essa que pode ser retida e que não pode ser simplesmente atribuída ao processo de crescimento. Essa crítica recai sobre o pensamento rousseauniano, ao passo que a aprendizagem é um processo de mudança de comportamento adquirida através da experiência construída por fatores

emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais, sendo escola e família elementos contribuintes disso.

Suscitamos a hipótese de que algumas das dificuldades de aprendizagens associadas às crianças, quando da não participação da família na escola podem estar relacionadas a fatores que lhes são externos e que decorrem muitas vezes de situações opostas ao processo de ensino em si, tais como: déficit sensorial; abandono escolar; baixa condição socioeconômica; problemas cognitivos e neurológicos.

Apesar da exterioridade dessas problemáticas acima apontadas, estas não devem ser apreendidas de forma apartada da relação família/escola, isso porque ambas as instituições são importantes para a resolução destas. Faz-se *mister* provocar na família atitudes que os levem ao envolvimento, o comprometimento e a colaboração com a educação dos seus filhos. Parece até absurdo pensar assim, pois já não seria essa a função dos pais/responsáveis? Contudo, não o é, tendo em vista cada vez mais o distanciamento destes para com a proposta de educar, ou melhor, de transferir tal função para a escola. O diálogo com a família é imprescindível, pois, é também geralmente por e dentro dela que observamos as dificuldades cognitivas que possam existir, bem como mudanças de comportamentos por parte da criança, que de uma forma ou de outra estejam (in)diretamente ligadas ao processo formativo da fase da educação da infância.

Levantado, ainda que de modo geral, os aspectos relativos à família/escola, anunciamos de agora em diante os elementos mais específicos dessa pesquisa, a saber: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro – Juazeirinho/PB, suas ações e intervenções pedagógicas para o bom diálogo da instituição escolar e os pais. Para tanto, apresentaremos como metodologia a execução de questionário aplicado a parte do corpo pedagógico da escola, como forma de debater as nuances dessa relação tão necessária para o desenvolvimento das aprendizagens da criança.

3 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SEVERINO MARINHEIRO: UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE ENTRE A FAMÍLIA/ESCOLA

Temos desenvolvido ao longo do texto argumentos que nos possibilitam dizer que a participação da família na escola é de extrema importância para melhorar a

aprendizagem das crianças em seu processo de ensino aprendizagem. Quanto a isso lemos:

Se a parceria entre família e escola se formar desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los. (TIBA, 2008, p. 30)

O trecho acima acaba sendo um respaldo para o que temos defendido, uma vez que indica como positiva a relação escola/família para o processo de formação da criança. Apesar de ser essa uma temática muito profícua na atualidade, família e escola, ainda se colocam como ponto fulcral de uma problemática: a da transposição da função de educar tão somente a instituição escolar.

Fato é que no decorrer dos anos a família tem delegado à escola a responsabilidade da educação das crianças, levando muitos pais e tutores a se eximirem dessa tarefa, ao mesmo tempo, tem sido recorrente o discurso por parte da gestão escolar da necessidade de integração entre as duas instituições – família/escola -, pois não cabe a uma ou a outra, carregar sozinha o dever de educar a infância, deve ser uma ação conjunta e participativa. Vejamos:

A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar. Afinal, por que até hoje em pleno século XXI a escola reclama da pouca ou insignificante participação da família na escola, na vida escolar de seus filhos? Seria uma confusão de papéis? Onde estaria escondido o ponto central desse dilema que se arrastam anos e anos? (GARCIA, 2006, p. 12).

Mediante o trecho acima, dizemos não saber de fato onde está o ponto central desse dilema que envolve a responsabilização da educação da criança e o papel da família/escola, acreditamos que com esse trabalho de conclusão de curso não conseguiremos alcançar a esse propósito, que nos parece grandioso e que requer um estudo mais aprofundado. Contudo, pretendemos, aqui, levantar elementos para pensar essa questão, ainda que de maneira localista e até mesmo recortada, a saber, Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, dentro desse cenário bem maior que envolve a instituição familiar e a escola no nosso país.

Para melhor elucidar o referencial espacial, E.M.E.F. Severino Marinheiro, pretendemos ao longo das próximas páginas, anunciar três elementos importantes: a

escola, o perfil docente e discente. Tudo isso, na intenção de melhor situar o leitor de quem falamos e do que tratamos.

3.1 Caracterização da unidade de ensino

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro¹ foi criada na gestão do então Prefeito Pedro Paschoal de Oliveira, sob força da Lei Municipal nº 68, de 16 de dezembro de 1972, cujo nome era Ginásio Municipal Severino Marinheiro, posteriormente alterado pela Lei Municipal nº 80/74 de 05 de fevereiro de 1974, para Colégio Severino Marinheiro. Como observamos está é, pois, uma unidade escolar criada pelo poder público, sem fins lucrativos, tendo como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Juazeirinho-PB.

Hoje, o até então Colégio Severino Marinheiro, vem a ser denominado de Escola Municipal de Ensino Fundamental, atendendo a uma necessidade de oferta de educação que estivesse coadunada ao disposto da Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, quando apontam elementos concernentes ao Ensino Fundamental no país. Acerca do texto desses documentos legais aqui referenciados no que pese a relação escola/família, temos respectivamente:

Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição Federal Brasileira/1988).

Art. 2 - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB 9394/96).

Art. 4 - É dever da família, da comunidade, da sociedade, em geral, e do Poder Público, **com absoluta prioridade**, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, **à educação**, ao esporte, ao

¹ A Escola Severino Marinheiro, recebeu esse nome em homenagem ao primeiro prefeito eleito o senhor Severino Pascoal de Oliveira, a família Marinheiro eram os maiores latifundiários do município de Juazeirinho.

lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ECA/1990)

Tanto a Constituição Federal (1988), quanto a LDB 9394/96 e o ECA (1990), deixam saber a sua ideia de direito à educação e os deveres concernentes à família nesse ínterim. A família e a escola caminhando lado a lado em prol do desenvolvimento da criança e do adolescente, seja para o processo de formação de uma consciência crítico social, seja para a constituição de cidadãos mais ativos, justos, humanos e responsáveis.

Segundo nos propõe Reis (2007), a escola surgiu para complementar à educação familiar, por isso a necessidade dos pais e responsáveis dialogarem com tal instituição. Nessa mesma direção Szymanski (2001), ressalta o que acredita ser o objetivo da família e da escola e lembra que ambas têm a responsabilidade de preparar a juventude não só para a inserção na sociedade, mas para o bom desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social.

Tanto um quanto o outro autor traduzem bem a questão anunciada para a relação família/escola, que como temos argumentado, faz parte de uma problemática na contemporaneidade que tem na necessidade de diálogo entre essas duas instituições sociais, um caminho possível para o bom desempenho escolar da criança.

O conceito de família apresentado no ponto 2, nos deixou perceber que essa é uma instituição que sofreu mudanças na sua forma/estrutura e que hoje, independentemente de haver ou não um núcleo formal – pai, mãe e filhos -, continua a existir por meio daquilo que Chinoy (2008) chamou de laços de sangue e que nos ousamos chamar aqui de laços de sociabilidades afetivas. Quanto a isso lemos:

A afetividade é um forte elemento na base de trocas parentais e constitui talvez, mais do que a causa, a sua legitimação ideal (...) que se baseia agora a continuidade das gerações de pertença a uma parentela comum. Desde o dia em que nascem, as crianças vivem numa família que dá forma às suas crenças, atitudes e ações. (Sacareno, 1992 p.73).

De acordo com o trecho acima, família é uma construção social e como tal, corresponde a uma base cultural de valores e crenças partilhadas, sendo a educação um desses elementos. Segundo Libâneo (2000), educação pode ser definida como:

Conjunto de ações, processos, influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupo na relação ativa com o ambiente natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. (LIBÂNEO, 2000, p.22).

Aberto esse parêntese para tratar do conceito de família apreendido aqui de maneira heterogenia e de uma educação coadunada as necessidades sociais, retornamos à caracterização da Escola de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, na intenção mesma de apreendê-la enquanto uma instituição que passa a ser destinada a oferta, exclusivamente, do nível da educação da infância e as classes que vão até o 9º ano do fundamental II.

A escola funciona nos três turnos, atendendo cerca de 1.300 alunos no período manhã e tarde. Vale ressaltar que no horário da noite seu prédio ainda abriga a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). No que concerne ao Projeto Político Pedagógico (PPP), temos identificado uma proposta de metodologia participativa embasada nos pressupostos teóricos do construtivismo/interacionismo, no qual o conhecimento é visto não como algo a ser consumido, mas sim como algo a ser produzido e construído pelo aluno, na qualidade de sujeito e não objeto da aprendizagem. Assim, a escola se apresenta como parte do todo social e agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade.

Em seu quadro gestor destacamos a seguinte divisão: Direção; Vice Direção; Supervisão Ensino Fundamental I; Supervisão Ensino Fundamental II; e uma orientadora educacional. No que pese ao perfil discente, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, recebe crianças de 4 e 5 anos para a Educação da Infância, de 6 a 11 anos para o Fundamental I e 12 a 15 anos para o Fundamental II. Contudo, existem crianças/adolescentes que estão fora da faixa etária e que acabam sendo acolhidos pela escola até completarem os seus 16 anos, quando são encaminhados a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Considerada uma escola modelo, além de ser a maior existente no município, está abriga um número significativo de matrículas: sendo o horário matutino caracterizado por cerca de 90% das crianças residentes da zona urbana e advindas de famílias com um rendimento socioeconômico de médio a baixo; já o turno da tarde, 90% são alunos da zona rural que vêm cursar o ensino fundamental II, estes quase sempre pertencem a uma conjuntura familiar com rendimento financeiro baixo; a noite, corresponde a uma

parcela do alunado caracterizada por estar fora da faixa etária, muitas das vezes repetentes e desistentes e que também tem uma condição socioeconômica baixa.

O nível de rendimento socioeconômico das famílias é, sem dúvidas, um elemento importante, pois, configura um obstáculo a ser vencido pedagogicamente, uma vez que sabemos que as desigualdades sociais são objetos latentes da e para a formação educacional no nosso país. Neste contexto, PRADO (1981) nos diz que a família não é um simples fenômeno natural, mas pelo contrário, é uma instituição social que varia no tempo e apresenta formas e finalidades diferentes dependendo do grupo social em que esteja.

Dito isto, mais uma vez defendemos que o envolvimento dos pais se torna primordial, ao passo que ao compreenderem a importância da escolarização dos seus filhos, acabam contribuindo positivamente e incisivamente no seu aprendizado, através daquilo que chamamos de estímulo familiar.

A escola também está atenta ao seu papel junto ao grupo de alunos com necessidades especiais, sendo previsto atendimento na AEE em contraturno, como estratégia de apoio educativo a quase 150 crianças, com diversidade de déficit de aprendizagem. Mais uma vez, lembramos o papel da família, no sentido do apoio e diálogo com a instituição escolar, com vista ao alcance de melhores resultados de ensino aprendizagem.

De acordo com PAROLIM (2003):

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99)

O trabalho conjunto da família e a escola é, pois, a chave para um, provável, melhor desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança. É necessário que a escola saiba reconhecer e valorizar a participação da família e que a família saiba reconhecer e valorizar o papel da escola.

Dito isto, da ambivalência de valoração escola/família e família/escola, passamos a desenhar o quadro docente do colégio Severino Marinheiro, a saber:

fundamental I composto por 17 professores, todos graduados; fundamental II, 41 professores graduados, dentre os quais alguns tem mestrado. Visando contribuir com uma leitura desse quadro que se apresenta, em especial para o ensino fundamental I, bem como buscando apreender a ideia desses profissionais quanto a importância da relação família/escola é que, no próximo tópico apresentamos um estudo de campo, cujo objeto principal é a aplicação e análise de um questionário junto aos profissionais da educação da escola.

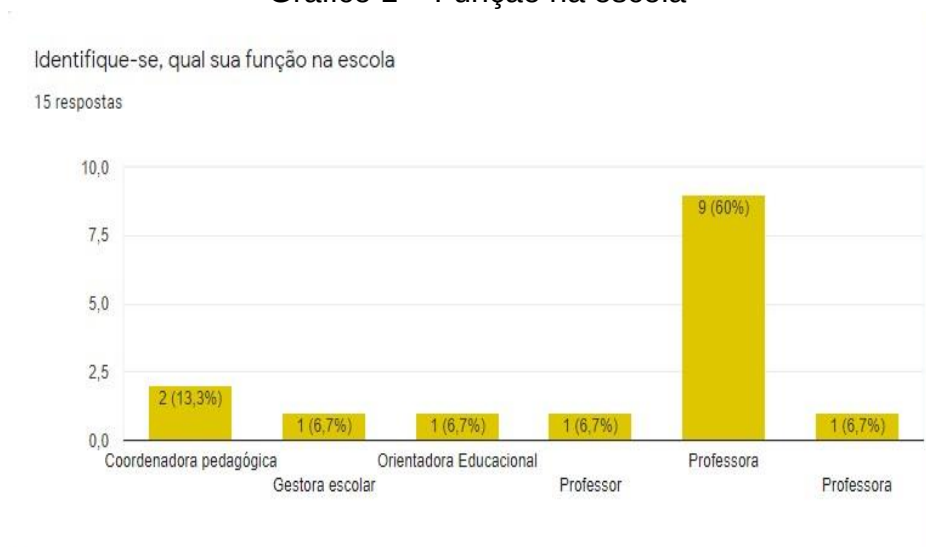
3.2 Aproximações com a escola: reflexões acerca do grupo pedagógico e a sua ideia de família/escola

Nesse tópico a ideia é traçar um paralelo entre o horizonte de expectativas e realidade acerca da relação família/escola. A proposta de trabalhar com questionário nos pareceu a mais viável nesse momento, ao passo que os limites de alcançar - família e escola - tiveram que ser reformulados, dadas as problemáticas de estabelecer um contato mais direto com os responsáveis dos educandos. Por isso mesmo, as reflexões que aqui irão se apresentar são indicativos de como a escola, via seus profissionais, pensa a sua relação com a instituição familiar.

O questionário em evidência, foi aplicado com parte do corpo pedagógico. Dizemos parte, pois, diante do cenário de caos da saúde no mundo, dadas as limitações impostas pelo isolamento social, conseguimos trabalhar com um número de 15 amostras, a nosso ver um número significativo para execução desse estudo. A metodologia empregada para aplicação do questionário se deu via plataforma e-mail/WhatsApp, o que nos possibilitou um retorno rápido dos profissionais contatados.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, no qual tenho uma abertura e relação amistosa, tendo em vista uma trajetória de trabalho de como secretária escolar, como dito anteriormente, passou a ser objeto da pesquisa de campo (questionário). Como dito acima, a nossa amostra foi no número de 15, conforme leitura do gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Função na escola



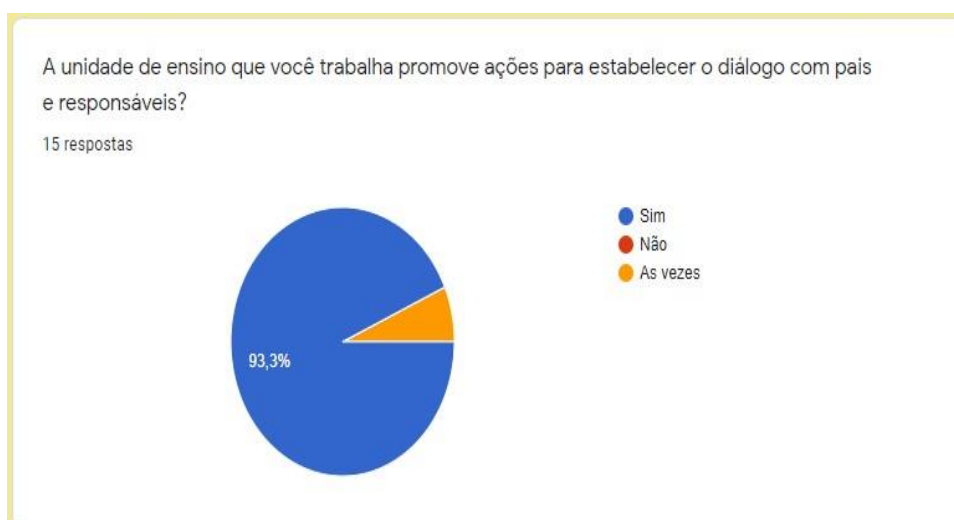
Fonte: Elaborado pela autora (2020), por meio do recurso Google Formule

Analisando as informações do gráfico, verificamos: 1 gestor escolar; 1 orientadora; 2 coordenadoras; 5 professores da educação da infância e 6 professores do 1º ano do Ensino Fundamental. Um dado que nos chamou atenção foi que, da amostra, apenas 6,7% dos meus entrevistados é professor, enquanto 60% são professoras. Embora não seja nosso objetivo, a questão da feminilização do magistério na educação da infância se apresenta de forma relevante dentro da amostra aqui analisada, o que nos leva a crer que a figura feminina ainda é, muito provavelmente, acionada como a mais adequada para essa fase de desenvolvimento da criança.

Aberto esse parêntese, a estrutura do questionário foi pensada em 10 perguntas, sendo as duas primeiras referentes a função na unidade de ensino, que acabamos de elucidar e a outra, identificação nominal dos funcionários. Por uma questão ética, manteremos essa informação em sigilo, cabendo tão somente a exposição do quantitativo, 15 profissionais. A análise e reflexão de como estes sujeitos compreendem a relação família/escola e de como a sua unidade de ensino vem travando essa aproximação.

O gráfico a seguir nos permite apreender se a Escola Municipal de E. F. Severino Marinho, na visão do seu quadro pedagógico, promove ações para ter a participação dos familiares pais/responsáveis. Vejamos:

Gráfico 2 – Ações da escola para aproximar a família



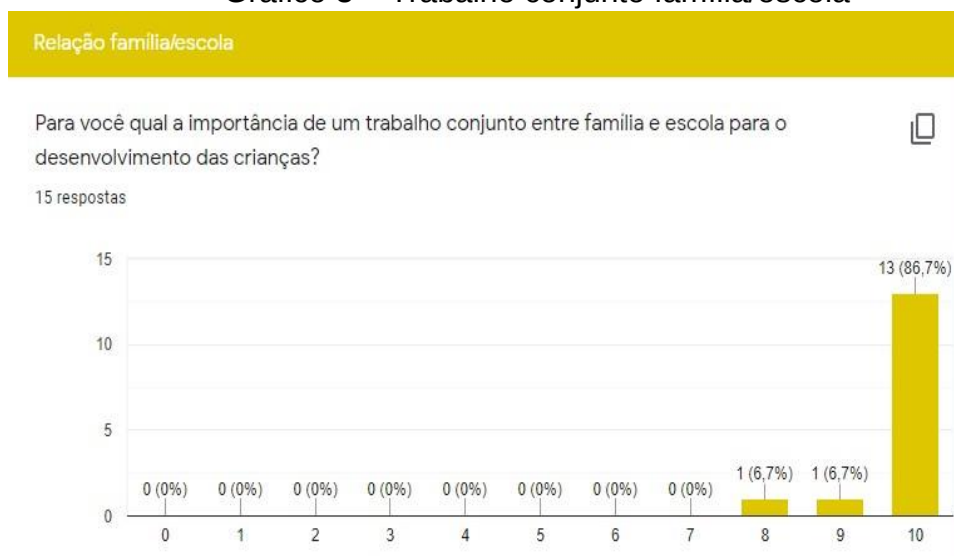
Fonte: Elaborado pela autora (2020), por meio do recurso Google Formule

A partir das informações no gráfico acima, identificamos que a escola promove ações que buscam aproximar a família, uma vez que 93,3% das pessoas que responderam ao questionário, afirmam ser essa uma prática empregada pela unidade de ensino. Isso é bastante relevante, tendo em vista a importância dessa boa relação com pais e responsáveis, como forma de contribuir para o desenvolvimento das crianças.

O compartilhamento de informações, seja em relação ao fator comportamento ou mesmo nível de aprendizagem, é, pois, um elemento importante para pais e escola, ao acompanhar as atividades que estão sendo direcionadas para as crianças, a instituição familiar contribui com o diálogo com a escola. A parceria entre essas duas instituições só vem a beneficiar os aprendentes (crianças), pois atuam em comum acordo, qual seja, o bem estar infantil.

No que pese a importância de um trabalho conjunto entre família e escola, o gráfico abaixo trouxe alguns indicativos:

Gráfico 3 – Trabalho conjunto família/escola



Fonte: Elaborado pela autora (2020), por meio do recurso Google Formule

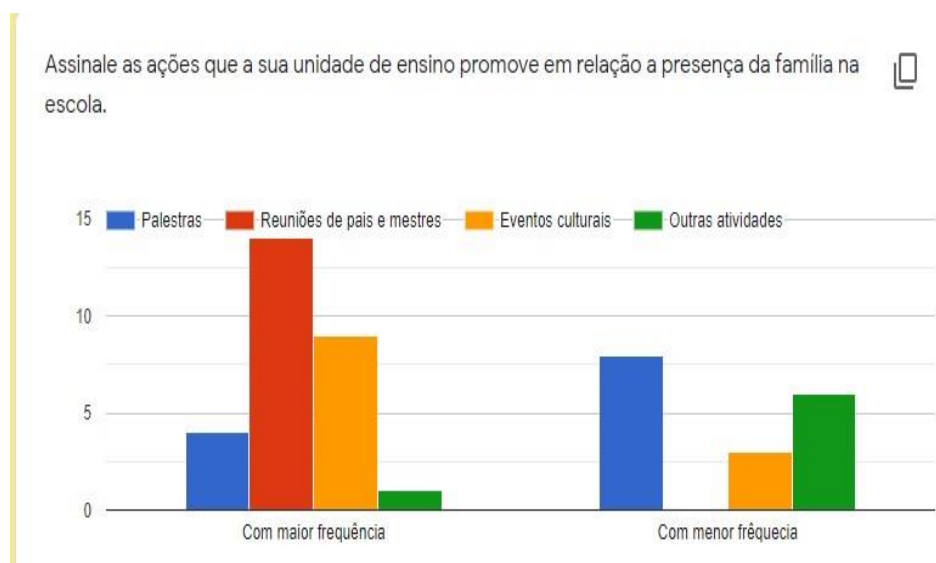
De acordo com o que expõe o gráfico, em uma escala de 0 a 10, a grande maioria, 86,7%, acreditam que é muito importante um trabalho conjunto entre família/escola, apenas 2 dos sujeitos que responderam ao questionário não atribuíram nota máxima, muito embora a escala de 8 e 9, também seja aqui interpretada como relevante acerca da importância do trabalho conjunto das instituições em questão.

Como já defendido anteriormente, suscitamos que o rendimento dos alunos no qual a família participa da escola é, provavelmente, melhor. Essa assertiva reforça a necessidade de um trabalho constante por parte da escola, atraindo os pais para uma participação efetiva no processo educacional de seus filhos. Segundo Bhering e Siraj-Blatchford (1999) a educação das crianças deve ser observada como uma parceria:

Apesar de haver diferenças distintas entre as obrigações da família e da escola, há também responsabilidades e objetivos comuns a ambas as instituições. Criar condições favoráveis para o desenvolvimento da criança é um dos objetivos comuns das duas instituições. Tanto uma quanto a outra influenciam e ajudam a determinar o curso de vida das crianças, razão pela qual a relação da escola e da família é vista como complementar e não como forças distintas e separadas. Partindo do princípio que reconhece o valor da relação família-escola, seja qual for a estrutura familiar, é possível pensar em como essa relação pode ser desenvolvida. (BHERING & SIRAJ-BLATCHFORD, 1999, p.195).

Destacada a importância de parceria entre família e escola, buscamos apreender quais ações estão sendo desenvolvidas pela unidade de ensino, no sentido de estabelecer um diálogo entre as instituições. Assim demonstra o gráfico:

Gráfico 4 - Ações que a unidade de ensino promove em relação a presença da família na escola



Fonte: Elaborado pela autora (2020), por meio do recurso Google Formule

A maior parte dos entrevistados indicou que a atividade que tem uma expressiva participação da família são as reuniões de pais e mestres, com a intenção de informar sobre a frequência e rendimento dos alunos, como sendo o item mais importante para a integração entre escola e família. A reunião dos pais e mestres é um momento de suma importância para a aproximação da família com a escola, segundo Marchesi (2004) essa participação é um dos fatores fundamentais para uma avaliação positiva. Embora o gráfico seja claro em termos de elencar ações realizadas pela escola para aproximar a família, suscitamos, de forma geral, ser a atividade das reuniões uma prática já arraigada e institucionalizada entre família e escola, por isso mesmo o resultado ser expressivo para esse tipo de ação de aproximação entre as instituições.

Em segundo lugar estão os eventos culturais que a escola desenvolve, a exemplo, apontamos o São João, festa que compõe o calendário escolar. Em terceiro e quarto lugar, mais não menos importantes, estão as palestras e as demais atividades

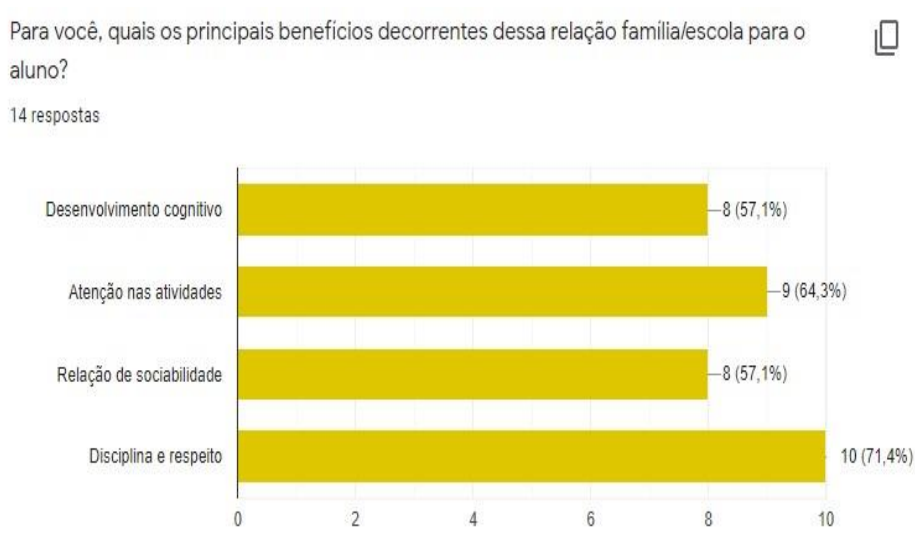
que a escola desenvolve. Esse ranking de predileção pelas atividades de reunião de pais e mestres, só corrobora a nossa hipótese de ser essa uma atividade que atinge maior frequência dos familiares ou por outro lado, de ser essa uma prática corriqueira, como dito anteriormente.

As reuniões de pais e mestres são apontadas mais uma vez quando inquiremos: a escola que você trabalha tem dado oportunidade para as famílias expressarem suas opiniões? Se sim, em quais momentos? Das 15 respostas obtidas para esse questionamento, 9 indicaram as reuniões de pais e mestres como sendo o espaço e a oportunidade das famílias expressarem suas opiniões. O plantão pedagógico, as ações promovidas pelo conselho escolar, as festividades e palestras entram como momentos outros dessa interação entre escola e família.

Embora as reuniões de pais e mestres ganhem real expressividade, ainda assim entendemos que a escola como um todo, promove ações de diálogo, incentiva e cria oportunidades para que a família se sinta confortável para ter uma participação efetiva na vida escolar de seus filhos.

O gráfico a seguir é elucidativo dos prováveis, benefícios inerentes a essa relação família/escola. Vejamos:

Gráfico 5 - Benefícios decorrentes da relação família/escola para o aluno



Fonte: Elaborado pela autora (2020), por meio do recurso Google Formule

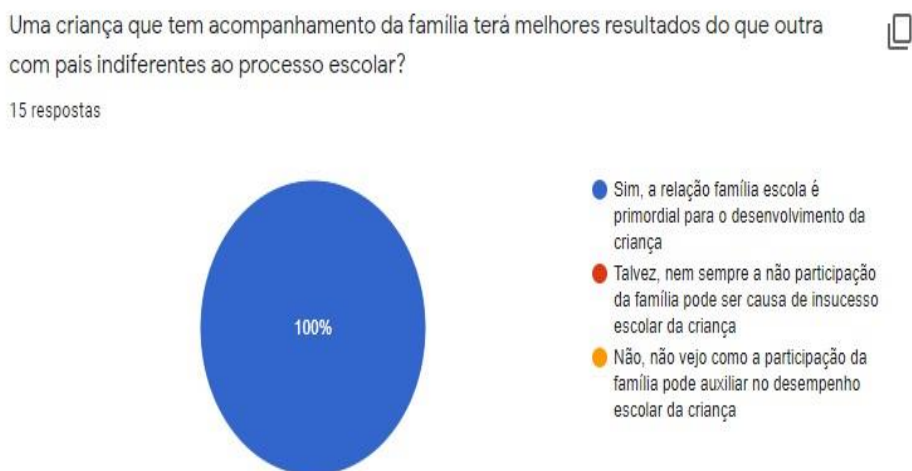
Conforme anunciado no Gráfico 5, foram dadas algumas opções em termos dos benefícios, quais sejam: desenvolvimento cognitivo (57,1%); atenção nas atividades

(64,3%); relação de sociabilidade (57,1%); disciplina e respeito (71,4%). Os percentuais das respostas nos fazem pensar quão pertinente é a interação família/escola. Curioso que 71,4% dos entrevistados disseram que o maior benefício é referente ao fator – disciplina e respeito -, o que demonstra que a família exerce um papel de provável controle dos corpos infantis e que isso se reflete no ambiente educacional em conformidade com o pacto social.

Em segundo lugar vem o benefício - atenção nas atividades -, alguns dos profissionais entrevistados indicaram que o diálogo da escola com a família pode refletir em uma maior e melhor atenção dos estudantes na execução de atividades escolares. Os benefícios – desenvolvimento cognitivo e sociabilidades -, ambos obtiveram um percentual de 57,1%, um número bastante significativo, mais da metade acredita que a família em diálogo com a escola promove benefícios reais aos aprendentes. É interessante destacar, que esse foi um questionamento que poderia ser respondido através de mais de uma opção.

Mediante a apresentação dos benefícios atrelados ao diálogo família/escola, procuramos entender ou ao menos identificar, se na visão dos entrevistados, uma criança que tenha acompanhamento da família logo apresenta melhores resultados do que outra, cujo pai é indiferente ao processo escolar.

Gráfico 6 – Acompanhamento da família no processo escolar



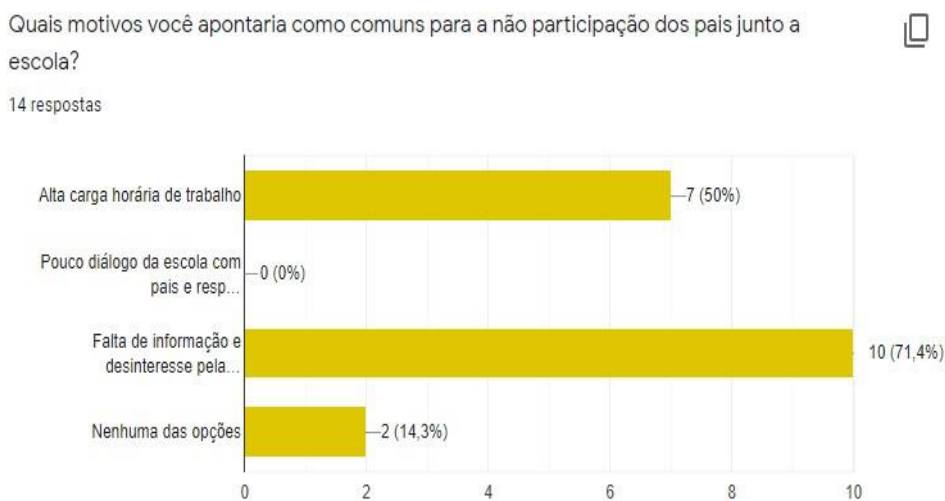
Fonte: Elaborado pela autora (2020), por meio do recurso Google Formule

Interessante que essa foi uma resposta homogenia, 100% dos entrevistados concordam que uma criança que tem seu processo escolar acompanhado pelos pais terá melhor desempenho educacional. Portanto, todos concordam que é fundamental que aconteça essa parceria entre escola/família e que juntos possam proporcionar uma formação do cidadão que se deseja alcançar.

Tanto a escola quanto a família, são imprescindíveis ao indivíduo, quanto mais forte a parceria entre elas, os resultados serão mais eficazes no desenvolvimento do ser humano, essa parceria deve ser constante pois uma complementa a outra. Quando os pais participam ativamente da vida de seus filhos e se engajam, inclusive, no cotidiano escolar da criança, a tendência é que os alunos se dediquem e se esforcem mais, além de se sentirem amados e apoiados.

Questionados por que pais/responsáveis deixam de participar da vida escolar de seus filhos, a resposta obtida foi elucidativa da percepção do corpo pedagógico de uma provável falta de interesse desses familiares para com a educação das crianças.

Gráfico 7 – Motivos da não participação dos pais na vida escolar da criança.



Fonte: Elaborado pela autora (2020), por meio do recurso Google Formule

A falta de informação e desinteresse da família chegou ao percentual de (71,4%), sendo este o maior problema apontado, soma-se a isso a alta carga horária

de trabalho dos pais e responsáveis, no qual (50%) dos entrevistados indicam ser essa uma questão relevante a se observar e (14,3%) acreditam que outros aspectos devem ser levados em conta quanto a não participação da família na vida escolar de seus filhos.

O desinteresse da família, no que pese ao diálogo com a escola quanto o desenvolvimento dos aprendentes diz muito sobre a questão da transferência de responsabilidade da instituição familiar para a escola. Quanto a isso temos: 11 entrevistados dizendo que sim, que há uma transferência de responsabilidade da família para a escola; 2 que talvez sim, que nem todos os casos se enquadram como transferência de valores e funções; e 1 que disse não, pois entende que o que há é uma busca de ajuda, de apoio, de formas para um melhor desenvolvimento cognitivo das crianças onde a responsabilidade não é transferida, mas sim dividida.

Embora seja válido tornar visível esses dados, o que apreendemos da leitura das respostas do questionário junto a parte do corpo pedagógico da Escola Municipal de E. F. Severino Marinho, foi que, em suma, a maioria entende que existe uma transferência de responsabilidade no tocante a função de educar as crianças, sendo esse um dever da escola. Muito embora, essa seja uma função que requer corresponsabilidade entre as duas instituições – família e escola.

Por fim, destacamos que de modo geral, a unidade de ensino, de acordo com os entrevistados, cumpri com o seu papel de estabelecer meios para uma boa relação com a família, pois entende que essa é uma ação necessária e rica, em especial no que concerne a formação da criança, seja por criar meios para estabelecer disciplina e respeito entre docentes e discentes, seja por promover ao aprendente o seu desenvolvimento cognitivo. Qualquer que seja o indicativo, todos, até aqui anunciados, nos levam a crer que a escola trabalha no sentido de uma ação dialógica com pais e responsáveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a escrita desse Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, procuramos perceber a importância da relação Família/Escola no processo de ensino aprendizagem das crianças. Tais instituições, certamente, são referenciais e suporte para o bom desenvolvimento dos alunos na educação da infância, sendo, pois, uma

parceria necessária. Quanto melhor for o diálogo entre a escola e a família, melhor são os resultados provenientes desta interação. Por isso mesmo, defendemos a ideia da participação de pais e responsáveis no ambiente educacional de forma contínua e consciente.

O trabalho foi dividido em três momentos, a saber: um capítulo introdutório, apresentando minimamente a temática, o objeto, metodologia e referências teóricas; um segundo capítulo pertinente a um panorama histórico e social da família e a escola em diferentes tempos e espaços; por fim um terceiro capítulo tratando, em específico, da unidade de ensino Severino Marinho, no que pese a apreensão da relação família/escola pelos sujeitos educacionais – professores e gestores.

Com relação a esse terceiro capítulo foi desenvolvido um questionário aplicado, via plataforma e-mail/WhatsApp, a um grupo de 15 profissionais da escola Severino Marinho, a princípio a ideia era trabalhar também com pais e responsáveis, contudo, devido a pandemia da Covid-19, essa foi uma ação que se tornou inviável, uma vez que o contato com os familiares não se apresentou como uma opção válida nesse momento, em decorrência mesmo do isolamento social e da necessidade de maiores informações desses responsáveis – e-mail, celular -, o que não tínhamos.

Dito isto, com base nas respostas dos profissionais da escola entrevistados, conseguimos tatear elementos que se apresentaram como importantes para pensar a relação família/escola, muitas vezes ficando evidente nas respostas obtidas a relevância da temática e da necessidade de aplicação de projetos de interação entre as duas intuições em questão.

Concluimos que sendo a família parceira da escola, isso incide diretamente no desenvolvimento das crianças, mas também constitui pilar fundamental para o bom desempenho do ensino aprendizagem ofertado pela unidade educacional. Para o estabelecimento dessa relação é imprescindível que a escola esteja de portas abertas para acolher e conhecer a família, de modo se não de garantir, pelo menos atrair a sua presença para ações conjuntas da escola, a exemplo das reuniões de pais e mestres, apontada pelos entrevistados como uma das atividades de interação ou a mais recorrente, realizada na escola Severino Marinho.

Defendemos o fato de que quando a escola dá espaço e cria ferramentas para atrair a família para as suas atividades, novas oportunidades surgem para que se possa desenvolver uma educação de qualidade. Não há uma receita para se efetivar

essa relação família/escola, pois compreendemos que cada família, cada unidade educacional tem suas particularidades e devemos respeitar e ler as diferentes realidades existentes no contexto de cada uma delas.

Ao identificar tais realidades, escola e família, constroem coletivamente uma parceria positiva, sobretudo quando do desenvolvimento das crianças. Apreendemos com a análise do questionário, que existe uma ação por parte da equipe da escola, que é bem aceita pela família, ao passo que é frequente a participação destes responsáveis nas reuniões da escola, conforme já chamamos atenção anteriormente.

Por fim, chegamos à conclusão que é possível sim, que a interação família/escola aconteça de forma positiva e contribua para o bom desenvolvimento das aprendizagens na educação da infância. Se cada uma das instituições em questão cumprir com o seu papel, juntas estarão corroborando para a formação de futuros cidadãos, sujeitos conscientes e ativos na sociedade.

5 REFERÊNCIAS

AOYAMA, Ana Lúcia Ferreira; MACHADO, Silmara de Souza. **Escola e Família: na proposta de trabalho integrado**. Londrina, 2008.

ARIÈS. Philippe. *História Social da Criança e da Família*. São Paulo: LTC-Grupo GEN, 1981.

BHERING, E. SIRAJ-BLATCHFORD, I. **A relação escola pais: um modelo de colaboração**. Caderno de pesquisa, nº106. p.191-216, março1999. Acessado em: 08 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n106/n106a09.pdf>

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Senado Federal, Gráfica Central, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente 8069/90**. Brasília. MEC 2004.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira: Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília. 30p.

_____, Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 11.161 de 05 de agosto de 2005. Brasília.

_____, Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1997.

_____, Ministério de Educação e Cultura. **Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica**. Resolução nº 1 de 03 fevereiro de 2005. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para Ensino Médio e Educação Profissional.

CHINOY, Ely. **Sociedade: uma introdução à sociologia**. 20. ed São Paulo: Pensamento-cultrix, 2008.

COLL, C. MARCHESI, A. PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 367p.

GAGNÉ, R. M. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos, 1974.

GARCIA, E. G. Veiga, E.C. e (2006). **Psicopedagogia e a teoria modular da mente**. São José dos Campos: Pulso.

KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.

Leandro, M. (2001). **Sociologia da família: necessidades contemporâneas**. Lisboa: Universidade Aberta;

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 3ed. São Paulo: Cortez, 2000;

PAROLIM, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares.** Fortaleza, 2003.

PRADO, Danda. **O que é família.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

REIS, Risolene Pereira. In: **Mundo Jovem.** São Paulo. Fev. 2002.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SACARENO, C. **Sociologia da Família.** Lisboa: Estampa, 1992.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica.** 9° ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SINGLY, F. de. **O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar.** In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (Org.). Família e individualização. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SYMANSKY, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Plano, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Editora Gente, 1996.

TIBA, Içami. **Conversas com Içami Tiba.** São Paulo: Integrare, 2008.

VARANI, Adriana. SILVA, Daiana Cristina. **A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.** Revista Brasileira. Brasília, v.91, n.229, p.511-527. 2010.